

THE ARTS IN MEDICAL EDUCATION: OBSERVATION,
JUDGMENT AND INTERPRETATION



AS ARTES NA EDUCAÇÃO MÉDICA: OBSERVAÇÃO, JULGAMENTO E INTERPRETAÇÃO

MEDINA, Fernanda Pereira

Fernanda Pereira Medina, UNIFENAS, Brasil

Revista Científica da UNIFENAS

Universidade Professor Edson Antônio Velano, Brasil

ISSN: 2596-3481

Publicação: Mensal

vol. 6, nº. 4, 2024

revista@unifenas.br

Recebido: 06/08/2024

Aceito: 29/08/2024

Publicado: 30/08/2024

ABSTRACT: Art has been used as a medical teaching strategy since the 1970s, mainly in universities in Europe and North America. This article is the report of a teaching experience idealized by the author in a Medical teaching institution in Minas Gerais. Artworks carefully chosen for the occasion, were used on two different classes, to students and teachers of the Medicine school at the aforementioned institution. The experience reported was built around the iconic work of the Dutch painter Rembrandt (1606-1669), Dr. Tulp's Anatomy Lesson, contrasted with the photograph of the anatomical demonstration carried out in London, in 2002, by the German doctor and anatomist Gunther von Hagens. The two images were projected and discussed with the public, hoping that different levels of interpretation would emerge, anchored in the cultural/intellectual background of that specific group, but also in subjective and individual perceptions, which occur at unconscious levels. In addition to demonstrating that artistic knowledge does not contradict scientific knowledge, we hoped to raise awareness among the participating public, made up mostly of future doctors, of the need to refine our listening and our vision, impoverished by a clinic based on the superficiality of the symptom.

KEYWORDS: Art and medicine; Rembrandt; Gunther von Hagens; medical education.

RESUMO: A utilização da arte como estratégia de ensino médico vem ganhando espaço, desde os anos 70, principalmente em universidades da Europa e da América do Norte. O presente artigo é o relato de uma experiência didática idealizada e vivenciada pela autora em uma instituição de ensino médico em Minas Gerais. Utilizando obras cuidadosamente escolhidas para a ocasião, foram ministradas duas aulas livres, com intervalo de aproximadamente 30 dias entre elas, a grupos de alunos e professores do curso de Medicina da mencionada instituição. A experiência relatada neste artigo refere-se ao primeiro dos dois encontros, que se organizou em torno da obra icônica do pintor holandês Rembrandt (1606-1669), A Lição de Anatomia do Dr. Tulp, contraposta à fotografia da demonstração anatômica, realizada em Londres, em 2002,

pelo médico e anatomista alemão Gunther von Hagens. As duas imagens foram projetadas e discutidas com o público presente, esperando que níveis distintos de interpretação surgissem, ancoradas na bagagem cultural/intelectual daquele grupo específico, mas também em percepções subjetivas e individuais, que se dão em níveis inconscientes. Além de demonstrar que o saber artístico não se contrapõe ao conhecimento científico, esperávamos sensibilizar o público participante, constituído majoritariamente por futuros médicos, da necessidade de refinamento da nossa escuta e do nosso olhar, empobrecidos por uma clínica baseada na superficialidade do sintoma.

PALAVRAS-CHAVE: Arte e medicina; Rembrandt; Gunther von Hagens; educação médica.

1 INTRODUÇÃO

Foi no século XIX que o grande muro que separa as ciências ditas naturais e as ciências humanas começou a ser erguido. Nosso modelo de educação médica, embora em constante transformação, deriva de uma corrente epistemológica que defende a existência de uma ciência médica baseada em evidências, calcada na biologia e na figura do médico como cientista. Entretanto, um breve retorno à história da medicina não deixa dúvidas da estreita relação entre o aprendizado médico e o saber humanístico. Na Grécia Antiga, nos tempos de Hipócrates (460-377 a.C.), a medicina foi concebida como a arte de curar (*teckné iatriké*, que os romanos traduziram para *ars curandi*). É verdade que o conceito de arte se modificou através dos tempos e o que chamamos de arte hoje, quer dizer, as Belas Artes, pouco tem a ver com o entendimento da arte na antiguidade. Mas a noção de *teckné*, que era atribuída a qualquer arte manual, aos ofícios artesanais e às atividades de importância social, aproximam o médico grego dos artistas. Na Idade Média, o estudo da medicina incluía o estudo das artes e o ensino obrigatório da filosofia. No Renascimento, o movimento humanista, baseado no programa *studia humanitatis* (estudos humanos), que incluía a poesia, a filosofia, a história, a matemática e a eloquência (resultante entre a retórica e a filosofia) como necessidades para a formação de todo homem culto, acentuava a estreita relação entre os saberes científico e artístico.

Felizmente, esta visão reducionista que dominou a educação médica nos últimos cem anos tem sido revista e, desde os anos 70, as ciências humanas vêm sendo gradualmente introduzidas nos currículos de graduação médica, particularmente na América do Norte e no Reino Unido, onde as humanidades se tornaram uma área rica em pesquisas e debates. Muitas escolas médicas europeias e americanas criaram departamentos ou cursos de arte para a graduação. São os exemplos do Centro de Artes e Humanidades em Saúde e Medicina na Universidade de Durham, na Inglaterra, o curso de

Medicina e Arte da Faculdade de Medicina da Universidade de Oslo, na Noruega, o Programa de Artes e Humanidades da Faculdade de Medicina da Universidade de Stanford, na Califórnia, e o curso online de Medicina e as Artes do Colégio de Medicina da Universidade de Drexel, na Filadélfia, dentre muitos outros. A inclusão da arte na medicina tem sido igualmente objeto de diversos estudos, teses e publicações como o livro de Elaine Powley e Roger Higson, *The Arts in Medical Education*.

Uma justificativa comum apresentada por muitas escolas médicas para a integração da arte no ensino da medicina é o desejo fundamental de que a arte possa equilibrar as ciências naturais dominantes na formação moderna. Os defensores desta integração enfatizam que o modelo curativo da profissão médica impede uma abordagem do paciente em toda a sua dimensão, subjetiva, cultural, social e política. Um bom médico precisa desenvolver sua capacidade de observação, julgamento e interpretação em um nível ampliado, que ultrapassa as evidências científicas. O contato com a arte, seja como artista ou como apreciador, abre inegavelmente o espírito do homem, contribui para a formação de um pensamento analítico e crítico, nos ajuda a esclarecer com maior profundidade nossos sentimentos, nos dá a possibilidade de desenvolver nossa imaginação, aumentar nosso conhecimento histórico e cultural, amplia nossa visão de mundo, além de nos proporcionar um equilíbrio entre o sentir e o pensar. Em outras palavras, reconhecemos que o contato com a arte participa efetivamente do desenvolvimento do espírito e da promoção da saúde de qualquer pessoa. O presente artigo é o relato de uma experiência didática idealizada e vivenciada pela autora em uma instituição de ensino médico em Minas Gerais. Utilizando obras cuidadosamente escolhidas para a ocasião, foram ministradas duas aulas livres, com intervalo de aproximadamente 30 dias entre elas, a grupos de alunos e professores do curso de Medicina da mencionada instituição. Apenas o primeiro dos dois encontros será discutido neste momento. Organizou-se um debate em torno da obra icônica do pintor holandês Rembrandt (1606-1669), *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp* (óleo sobre tela de 1632, medindo 169,5 x 216,5 cm, exposta atualmente no Museu Mauritshuis, em Haia, Holanda), contraposta à fotografia da demonstração anatômica realizada em Londres, em 2002, pelo médico e anatomista alemão Gunther von Hagens.



Figura 1: A Lição de Anatomia do Dr. Tulp (óleo sobre tela de 1632, medindo 169,5 x 216,5 cm, exposta atualmente no Museu Mauritshuis, em Haia, Holanda).

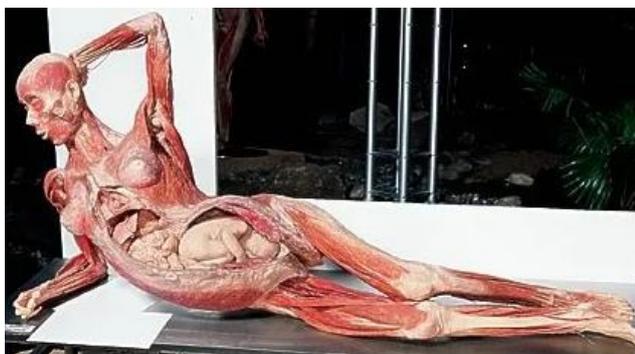


Figura 2: Fotografia da demonstração anatômica realizada em Londres, em 2002, pelo médico e anatomista alemão Gunther von Hagens.

2 METODOLOGIA

Partimos da premissa de que a criação e a interpretação se dão em níveis, em camadas, integrando o que há de consciente, de cultural, de sensível e de intuitivo na percepção do homem. Por menor que seja o instante, apenas percebido intuitivamente, já o interpretamos. E esta interpretação reflete, por um lado, algo de íntimo e profundo do sujeito e, por outro lado, aspectos valorativos e culturais, que estão fora de seu âmbito pessoal. Estes aspectos, que não são necessariamente percebidos de forma consciente, se reportam a valores coletivos, originando-se nas inter-relações sociais em um determinado contexto cultural. Estes valores culturais, que diferem em cada época e em cada sociedade, “representam um padrão referencial básico para o indivíduo, que qualifica a própria experiência pessoal e tudo a que o indivíduo aspire ou o que faça, quer tenha ele consciência disso ou não” (OSTROWER, 1991). Os estilos artísticos (dentro do campo da pintura, escultura, música, literatura), são a expressão dos aspectos valorativos de uma cultura, da maneira de pensar de uma sociedade, em uma determinada época e

cultura, e dos conhecimentos e técnicas disponíveis em um dado momento.

Ao interpretarmos uma obra de arte, vários níveis de leitura são possíveis: objetiva (visual), que corresponde à descrição do que está sendo visto; subjetiva (simbólica), que descreve o que sentimos diante de uma obra de arte; formal (estética), que analisa a composição visual, a sintaxe visual da obra, o seu contexto histórico, o seu tema, a sua organização (composição do espaço, volume, cor, etc). Ao projetar a imagem da pintura de Rembrandt, realizada no século XVII, para alunos de um curso de medicina do século XXI, esperávamos obter níveis distintos de interpretação, que estariam ancoradas na bagagem cultural/intelectual daquele grupo específico (estudantes de medicina), mas também em percepções subjetivas e individuais, que se dão em níveis inconscientes. A contraposição da pintura do mestre holandês com a fotografia do evento controverso realizado por Von Hagens deveria introduzir uma nova perspectiva crítica, inesperada e sensível, tocando em temáticas como a morte e a ética. Dois mundos distintos, o das artes e o das ciências, foram postos em diálogo através de um tema comum: uma lição de anatomia. Desejávamos demonstrar que o saber artístico não se contrapõe ao conhecimento científico e esperávamos sensibilizar o público participante, constituído majoritariamente por futuros médicos, da necessidade de refinamento da nossa escuta e do nosso olhar, empobrecidos por uma clínica baseada na superficialidade do sintoma.

3 DISCUSSÃO

Num primeiro momento, a imagem da pintura de Rembrandt foi projetada sem qualquer explicação, como data, autor e local. Foi solicitado ao público que observasse e relatasse o que estava sendo retratado naquela imagem, ou seja, que ela fosse interpretada visualmente. Muitos foram capazes de descrever uma possível aula de anatomia, o que já se esperava para aquele público, naquele contexto cultural e intelectual. Outros foram capazes de observar detalhes estéticos da pintura, como a importância maior dada pelo artista ao cadáver (figura central e com maior incidência de luz) e ao homem de chapéu que, provavelmente, realizava uma dissecação anatômica. Alguns se lembravam até de ter visto a mesma imagem em outro local, mas ninguém conhecia os detalhes estéticos e históricos da obra.

Perguntamos, depois de alguns minutos de discussão, o que aquela obra, ainda sem título e sem autor, suscitava em termos de sentimento. Não foi difícil para nenhum deles responder que a ideia de morte estava presente, mas que a sensação trazida pela imagem não era desagradável. Ora, sabemos que a curiosidade e mesmo a neutralidade diante da morte são sentimentos próprios aos médicos. Mas este é também um dos papéis da arte, suscitar sentimentos de prazer (estético) diante de um tema que, na vida real, provocaria desprazer e dor.

Após mais alguns minutos de discussão, a imagem foi

novamente projetada, mas agora contendo os detalhes da pintura, como o nome do pintor, a data e o local em que foi realizada, assim como a técnica de execução. Esta nova camada de dados oferecida visava estimular outras possibilidades interpretativas, outros sentimentos e descobertas sobre uma mesma cena. Já não era a mesma cena. O título deixava claro se tratar de uma aula, e não qualquer aula, uma lição de anatomia. O corpo iluminado já não era qualquer corpo e os expectadores já não eram observadores sem importância. Seriam médicos? Seriam alunos de uma Escola de Medicina, assim como eles? A identificação com os personagens e com o tema representado era inevitável, e este foi o motivo da escolha desta pintura de Rembrandt. Conhecer o nome do artista e a época em que a pintura foi executada também possibilitou novas discussões. Mas, isso ainda não era tudo. Era preciso contextualizar aquele artista, aquela cena específica, aquele momento histórico particular.

Rembrandt Harmenszoon van Rijn (Leida, 15 de julho de 1606 — Amsterdam, 4 de outubro de 1669) foi um pintor, desenhista e gravador holandês, considerado um dos mestres da pintura barroca. Barroco é o estilo artístico que floresceu na Europa e, posteriormente, nas Américas, entre o final do século XVI e meados do século XVIII, variando de uma região para outra. Associa-se, do ponto de vista político, às monarquias absolutistas e, do ponto de vista religioso, à contrarreforma orquestrada pela Igreja católica, em reação à reforma protestante. Por isso, predominam neste período os temas religiosos. Mas a Holanda, nesta época, já era um país independente, democrático e predominantemente protestante, o que confere algumas diferenças ao barroco holandês, quando comparado ao resto do mundo. Como a apresentação de imagens era proibida nos templos protestantes, o mecenato da Igreja e da Corte se esvaziou nos países não católicos. O resultado foi uma democratização da arte, tanto em relação aos temas quanto ao mercado, que passou a ser patrocinado, na sua maioria, pela próspera classe média holandesa. Os temas preferidos, substituindo as imagens religiosas, eram as naturezas-mortas e as pinturas que retratavam a vida familiar e o status do proprietário (NABAIS, 2009).

A Lição de Anatomia do Dr. Nicolaes Tulp, encomendada a Rembrandt pela Associação de Cirurgiões de Amsterdam, quando o pintor tinha apenas 26 anos, representa uma cena de grupo, muito na moda, retratando uma instituição social da classe média-alta. Neste quadro, alguns membros da ordem médica são pintados num acontecimento sugestivo de sua eminente profissão. “A grande burguesia liberal estabelecida e bem endinheirada, pagava o que fosse preciso aos seus artistas para ser perpetuada no futuro, por meio destes trabalhos, fazendo intervir com toda a pompa e ostentação, a imagem e roupagens que o seu poder igualmente inspirava”. (NABAIS, 2009). Além do famoso cirurgião, Dr. Tulp, outros sete doutores alunos são retratados. Sabe-se que o preço de um quadro de

grupo era dividido em partes iguais pelas pessoas retratadas, o que ditou, de certa forma, a composição do quadro. O artista precisou dedicar a cada um dos personagens a mesma atenção e importância visual. “Rembrandt reuniu as várias figuras num bloco piramidal... contrapondo o grupo de jovens médicos ao mestre, à direita, e ressaltando, numa diagonal oposta, a figura rígida do cadáver” (OSTROWER, 1983, p.229). Utilizando a técnica chiaroscuro, consagrada por Caravaggio, a figura do cadáver se ilumina, enquanto sete personalidades, elegantemente vestidas de preto, acompanham a dissecação realizada pelo imponente cirurgião.

Tratava-se de uma dissecação pública de um cadáver diante de uma assistência pagante, evento muito comum na época. Historicamente, 1600 é a data da primeira autópsia pública, realizada em Praga. Neste tempo, só se dava permissão para a realização de uma autópsia por ano, realizada no período de inverno pela maior dificuldade da conservação dos corpos em outras épocas do ano. Estas aulas de Anatomia eram, simultaneamente, uma oportunidade de exibição do poder mágico do médico aliado aos seus conhecimentos técnicos, mas também uma ocasião social para a alta sociedade local. Os cadáveres pertenciam a ex-condenados, vítimas de enforcamento público e não poderiam estar ligados à Igreja. “Com consentimento municipal abriam-se as portas do teatro anatômico a todos os membros interessados, estudantes, assistentes e público em geral que pudessem pagar uma cota para custear fundos de reserva para outras atividades, ex. reuniões, jantares” (NABAIS, 2009).

Portanto, aquilo que, num primeiro momento, poderia passar por uma representação de uma cena de dissecação, de uma aula banal de anatomia, adquire profundidade a partir da revelação dos detalhes estéticos e históricos que estão por trás da obra prima de Rembrandt. O debate ganhou ainda mais intensidade com a posterior projeção da fotografia da demonstração anatômica, promovida em 2002, em Londres, pelo alemão Gunther von Hagens. A autópsia pública de Hagens deu-se após 170 anos da proibição desse tipo de evento pelas autoridades do Reino Unido, no intuito de impedir o roubo de cadáveres. A pedido da polícia, dois agentes da Scotland Yard e dois professores de anatomia estavam presentes. A imagem, aparentemente, repete o tema da pintura de Rembrandt: tratava-se, ali também, de uma autópsia, realizada por Hagens, diante de uma plateia de 500 pessoas e câmeras de TV. Uma cópia da tela “A lição de anatomia do Dr. Nicholaes Tulp” foi estrategicamente pendurada na parede, atrás da mesa onde o corpo estava sendo dissecado. Esta primeira camada de interpretação, superficial e óbvia, parecia não deixar dúvidas. Entretanto, aquela estava longe de ser a mesma cena. Além da diferença entre uma pintura e uma fotografia, há também a distância entre uma obra de arte e um procedimento técnico, como a necropsia. Então, já não era a mesma cena. Transitamos entre dois universos, o artístico e o científico. Hagens é um

cientista, apesar de expor suas “peças anatômicas”, produzidas por plastinação, como se fossem esculturas humanas, em museus e galerias do mundo inteiro. As imagens das «peças» produzidas por Gunther von Hagens podem ser vistas em: <https://www.gettyimages.com.br/fotos/gunther-von-hagens>.

Quem é Gunther von Hagens? O que o público sente diante dos corpos humanos plastificados e expostos como objetos de arte? Isso é arte? Isso é belo? Isso é ético? Novas informações, novas camadas interpretativas.

Gunther von Hagens (1945) é um anatomista alemão, inventor da plastinação, técnica que preserva tecidos biológicos através da substituição da água e da gordura presentes no cadáver por polímeros plásticos, o que confere um aspecto sintético característico ao corpo humano. A técnica foi, sem dúvida, uma grande inovação, que facilitou os estudos da anatomia do corpo humano. Mas Hagens não parou por aí. Além de plastificar cadáveres, aos quais ele chama de “espécimes”, ele os expõe, em poses artificialmente produzidas, atraindo milhares de visitantes por todo o mundo, o que se converteu em uma mina de ouro para o anatomista. A primeira exposição foi no Japão, em 1995, depois na Alemanha, em 1997 e 2000. Em 2007, o Brasil recebeu a exposição, intitulada *Bodies revealed: Fascinating + real*, traduzida como *Corpo humano: Real e fascinante*.

Mas não é somente pelo caráter sensacionalista e pela exploração comercial de corpos ou de partes humanas que Hagens se tornou polêmico. Questões sobre os limites éticos são sempre levantadas quando o problema da morte é explorado, de uma forma ou de outra. Uma mistura de medo, repúdio e curiosidade mórbida é suscitada, principalmente quando lembramos que as peças expostas são corpos humanos reais. Aqui, a distância com que a arte trata o tema é ultrapassada. É possível obter prazer estético com este tipo de demonstração? A Associação Médica Britânica, por exemplo, repudiou a necropsia pública realizada em 2002, considerando o evento degradante e desrespeitoso. Em um artigo de 1999, a revista alemã “Der Spiegel” denunciou o anatomista, a quem chamaram de Dr. Morte, de não deixar claras as regras deste trabalho, como, por exemplo, a proveniência dos corpos plastificados e esculpidos. O artigo denunciava o contrabando e a comercialização inescrupulosa de corpos humanos feitas pelo médico e o descrevia como um Dr. Frankenstein moderno (REBOLLO, 2003).

O debate em torno das peças produzidas por Hagens e todas as questões que foram surgindo, camada por camada, levaram nossa discussão para terrenos muito mais profundos e sensíveis, ainda que a imagem inicial parecesse reproduzir, de forma óbvia e monótona, o tema da aula de anatomia. A contraposição dos dois trabalhos, o de Rembrandt e o de Hagens, cumpriu brilhantemente nosso objetivo de demonstrar a complexidade da observação e da interpretação de

eventos de aparência simples e objetiva. O mesmo raciocínio deve servir para eventos de qualquer natureza como, por exemplo, um encontro entre o médico e seu paciente. A “cena” que se desenvolve em torno da clínica pode ser um acontecimento banal ou profundo, adquirindo contornos imprevistos para aquele que souber desenterrar todas as camadas interpretativas.

4 CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo fazer o relato abreviado de um encontro entre alunos e professores de um curso médico, alavancado pela perspectiva do uso das artes como recurso didático no ensino da medicina. A riqueza da experiência vivenciada não pôde ser inteiramente transcrita nestas palavras, mas, acreditamos ter conseguido demonstrar como é possível refinar nosso olhar, nossa capacidade de observação e de julgamento e nosso raciocínio crítico a partir do desenvolvimento de um saber que não se encontra, propriamente, na ciência. Fazemos eco a João-Maria Nabais, que afirma existir uma “relação privilegiada que, periodicamente, se estabelece entre Arte e Ciência ... para assim logarmos atingir uma nova percepção e entendimento da delicada tessitura da História da Ciência. Ou dito de outro modo, para tentarmos almejar um nível superior do saber e a uma melhor compreensibilidade do Homem, da Natureza e do Mundo.” (NABAIS, 2009).

REFERÊNCIAS

Artigos de revista online:

Kim, J.H. Exposição de Corpos Humanos: o uso de cadáveres como entretenimento e mercadoria. *Mana*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS-Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Agosto de 2012. [acesso 06 de agosto de 2024]; vol. 18. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132012000200004>.

Nabais, J.M. Rembrandt - o quadro A Lição de Anatomia do Dr. Tulp e a sua busca incessante pelo auto-conhecimento. *Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO*. Porto 2008-2009. [acesso em 06 de agosto de 2024]. I Série, Volume VII-VIII, pp. 279-296. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9417.pdf>.

Rebollo, R.A. “De humani corporis circus” de Gunther von Hagens. *Scientle studia*, 2003. [acesso em 06 de agosto de 2024]; vol. 1, pp. 101-107. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662003000100010>.

Livros:

Ostrower, F. *Acasos e Criação Artística*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Campus; 1999.

Ostrower, F. *Criatividade e Processos de Criação*. 8ª

ed. Petropolis: Vozes; 1991.

Ostrower, F. Universos da Arte. 13º ed. Rio de Janeiro: Campus; 1983

Powley, E. e Higson, R. The Arts in Medical Educatio. A practical guide. London/New York : Radcliffe Publishing, 2005.

Sites:

https://www.researchgate.net/figure/Figura-7-A-licao-de-anatomia-do-Dr-Tulp-de-Rembrandt-Oleo-sobre-tela-de-1632-medindo_fig7_262502128.

<https://www.auladeanatomia.com/anatomia/475/gunther-von-hagens>.

<https://www.gettyimages.com.br/fotos/gunther-von-hagens> .